

assunto

CONTROVERSO **CONTRAPONTO**

necessário

Desconstruindo narrativas
sobre a produção de
tabaco no Brasil.





índice

prefácio	
Sobre fatos e percepções	06
contexto	
Tabaco é agro	09
A história do tabaco no Brasil	10
O maior exportador do mundo	12
contraponto	
dívida RENDA	16
monocultura DIVERSIFICAÇÃO	20
desmatamento REFLORESTAMENTO	23
velhas práticas BOAS PRÁTICAS	27
escravidão INTEGRAÇÃO	30
uso de agrotóxicos DEMANDA CONSCIENTE	32
suicídio PROBLEMA COMPLEXO	38
doença da folha verde COLHEITA SEGURA	42
trabalho infantil LUTA DE TODOS	44
trabalho DECENTE	50
tese + antítese = síntese	52



“ É importante aprender a não se aborrecer com opiniões diferentes das suas, mas dispor-se a trabalhar para entender como elas surgiram. Se depois de entendê-las ainda lhe parecerem falsas, então poderá combatê-las com mais eficiência do que se você tivesse se mantido simplesmente chocado. Muitos homens cometem o erro de substituir o conhecimento pela afirmação de que é verdade aquilo que eles desejam. ”

Bertrand Russel, matemático e filósofo inglês (1872-1970)

sobre fatos e percepções

Existem os fatos. E, sobre eles, as percepções. Sempre foi assim. Na sociedade digital, o volume e a rapidez com que as informações são disseminadas, além da superficialidade com que boa parte delas são apreendidas, facilitam a sua manipulação para induzir falsas conclusões. Quando, apesar das informações disponíveis, as percepções se sobrepõem aos fatos, estamos diante de uma situação difícil e embaraçosa - a qual pode nos induzir a erros e a decisões equivocadas.

Os responsáveis pelas políticas públicas sabem que nem sempre só os fatos prevalecem. É o que acontece atualmente com a discussão sobre a produção do tabaco no Brasil, o maior exportador mundial deste produto agrícola centenário e que gera, em média, mais de US\$ 2 bilhões de receita anual nas exportações brasileiras, cultivado por cerca de 130 mil famílias em pequenas propriedades rurais no Sul do País, distribuídas em 490 municípios da Região Sul.

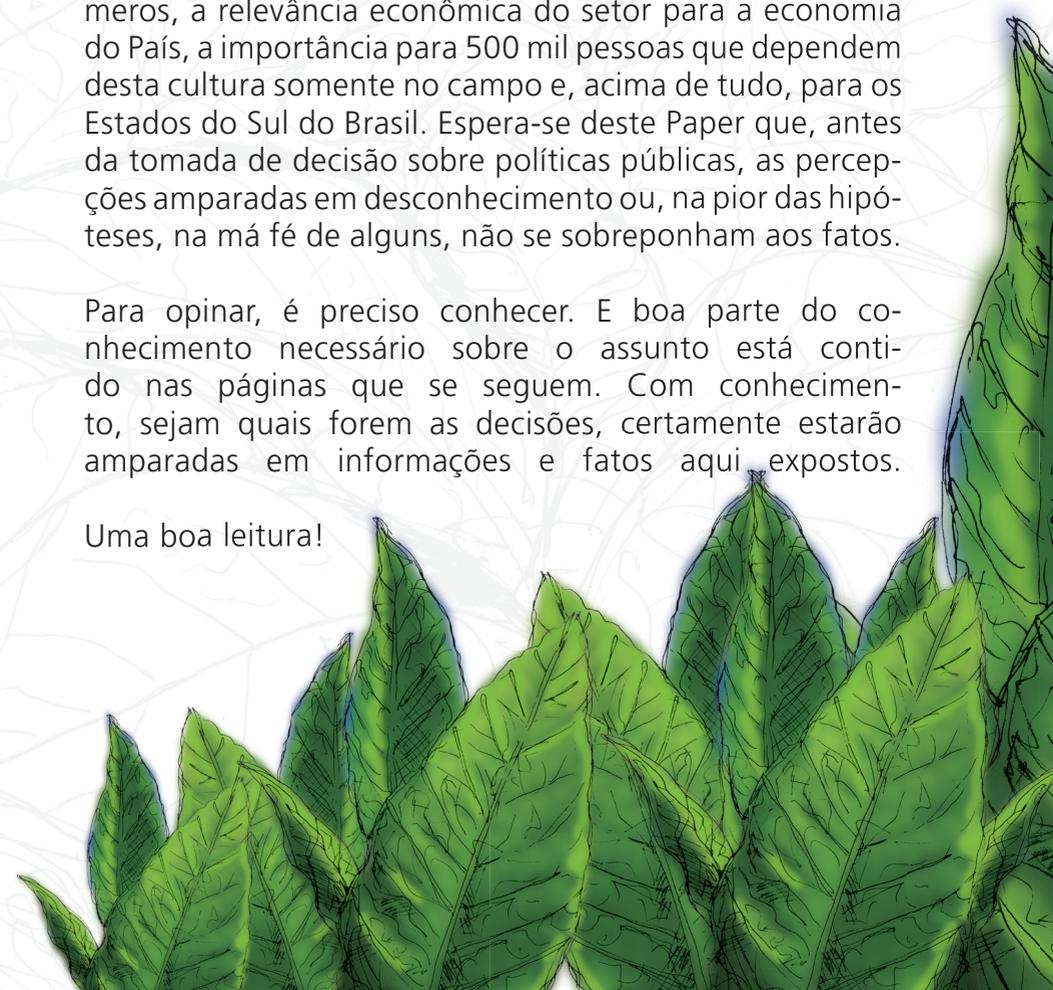
O debate, ainda circunscrito a grupos historicamente inflexíveis na luta contra o tabaco, fica ainda mais inflamado em ocasiões como a COP 10. Em fevereiro de 2024, no Panamá, aconteceu a Conferência das Partes da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (COP 10). No encontro internacional realizado a cada dois anos discute-se, entre outros temas, como reduzir o consumo e limitar ou extinguir a produção de tabaco.

Nesses momentos, recaem, sobre os representantes brasileiros que participam, as pressões. Com argumentos, entre outros, de que a produção de tabaco no Brasil limita a produção de alimentos e contribui para a fome do mundo. Por mais desamparados de lógica e dos fatos, tais narrativas são disseminadas à sociedade como objetivas e reais em campanhas publicitárias pagas, na maioria das vezes, por organizações internacionais.

Por acreditar no saudável exercício do amplo debate e nas decisões amparadas por fatos objetivos é que se produziu este Paper. Nele, estão expostos os fatos, os dados, os números, a relevância econômica do setor para a economia do País, a importância para 500 mil pessoas que dependem desta cultura somente no campo e, acima de tudo, para os Estados do Sul do Brasil. Espera-se deste Paper que, antes da tomada de decisão sobre políticas públicas, as percepções amparadas em desconhecimento ou, na pior das hipóteses, na má fé de alguns, não se sobreponham aos fatos.

Para opinar, é preciso conhecer. E boa parte do conhecimento necessário sobre o assunto está contido nas páginas que se seguem. Com conhecimento, sejam quais forem as decisões, certamente estarão amparadas em informações e fatos aqui expostos.

Uma boa leitura!



contexto

tabaco é agro

A cadeia produtiva do tabaco é uma das mais organizadas e evoluídas da agricultura brasileira. Graças aos elos criados entre produtores, empresas e entidades de classe, através do Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT), que remonta ao início do século XX, o plantio de tabaco no Sul do Brasil é um dos mais seguros e sustentáveis.

O setor é pioneiro em práticas de diversificação e de conservação do solo, reserva de área para reflorestamento e logística reversa de embalagens de produtos utilizados no cultivo. Os cuidados com a saúde do produtor também são uma premissa essencial: é a única cadeia produtiva organizada que possui assistência técnica gratuita e um trabalho de orientação aos produtores sobre o uso do EPI e da vestimenta de colheita – criada exclusivamente para este tipo de trabalhador.

Ainda assim, o tabaco muitas vezes é colocado à margem do agronegócio brasileiro. Este documento vem com o propósito de desmistificar e dar contraponto necessário para aqueles que insistem em não dizer o óbvio: tabaco é agro!

a história do tabaco no Brasil

Tudo, no Brasil, começa com os índios. Com o tabaco não seria diferente. Quando os primeiros portugueses pisaram em terra firme do lado de cá do Atlântico, já havia cultivo de tabaco em quase todas as tribos. A planta tinha um caráter sagrado, era usada em ritos e para fins medicinais, como cura de ferimentos, enxaquecas e dores de estômago. Os indígenas o consumiam de todas as maneiras: comiam, bebiam, mascavam, aspiravam e fumavam.

De planta mágica e medicinal para produto tipo exportação foi um átimo. O tabaco foi um dos primeiros produtos exportados pelo país. Já no primeiro século de história do Brasil, o excedente da produção realizada pelos colonos portugueses, que cultivavam para consumo próprio, era comercializado na Europa. Durante o século XVII, o tabaco passou a ser um dos principais produtos brasileiros vendidos pelo Império Português. As lavou- ras, que no começo se concentravam entre Salvador e Recife, em especial na região do Recôncavo Baiano, ganharam escala somente após a Proclamação da Independência, em 1822.

Com o começo da imigração europeia, na virada do século XIX para o XX, o plantio de tabaco logo começou a ser feito também no Sul do país pelas mãos dos imigrantes alemães. Ao longo do século XX, a produtividade foi se deslocando do Nordeste, que produz tabaco mais escuro, para o Sul, que passou a produzir tipos mais claros. Ambos sempre foram exportados, mas conforme a produção e a qualidade do tabaco do Sul aumentavam, maior se tornava sua representação nas exportações.

As vendas externas foram crescendo de acordo com a demanda internacional. No período após a Primeira Guerra Mundial, o crescimento foi muito expressivo. Depois, com mais força, pós Segunda Guerra, em especial graças ao processo de industrialização e modernização das fábricas que trabalhavam com os subprodutos da cadeia do tabaco. Na outra mão, as práticas agrícolas iam evoluindo, proporcionando uma matéria-prima cada vez mais sofisticada. Foi somente nos anos 1970 que o tabaco brasileiro ganhou o mundo de vez.

O CRESCIMENTO DO TABACO BRASILEIRO

Uma crise política na então Rodésia do Sul, atual Zimbábue, iniciou a alavancar a produção brasileira destinada à exportação. Por ter um clima e solo adequados, o Brasil aumentou a sua produção, se tornando referência para os clientes internacionais

A crise do Zimbábue, hoje novamente um grande produtor, e a retração da produção dos Estados Unidos foram ingredientes importantes para a liderança do Brasil no ranking mundial de exportação em 1993. Soma-se a isso, a evolução contínua do setor, da modernização da produção aos investimentos estrangeiros na industrialização, bem como as ações voltadas para a sustentabilidade econômica, social e ambiental, que vêm sendo desenvolvidas ao longo das últimas cinco décadas. Tudo isso contribuiu para a elevação do posicionamento do país em relação aos negócios internacionais de tabaco e faz do Brasil o líder em exportações até hoje.

o maior exportador do mundo

O Brasil é o maior exportador de tabaco do mundo desde 1993. E é o segundo maior produtor, depois da China. Por trás dos números e das conquistas, existem cerca de 130 mil produtores que sustentam suas famílias e mantêm um padrão elevado de vida graças à essa cultura centenária. Eles estão espalhados por quase 500 municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e têm, neste trabalho, passado de geração em geração, uma renda per capita superior ao dobro da média brasileira. Juntos, obtêm uma receita que supera R\$ 10 bilhões a cada safra.

Em 2023, quando o setor completou 31 anos na liderança das exportações, foram 512 mil toneladas enviadas para 107 países, somando US\$ 2,73 bilhões em divisas. A Bélgica, nosso maior comprador há anos, importou sozinha US\$ 605 milhões. A China, maior produtora de tabaco do mundo, e os Estados Unidos, outro grande produtor, são também grandes compradores do produto brasileiro. Indonésia, Emirados Árabes, Vietnã e Turquia figuram entre os principais destinos do tabaco brasileiro em 2023.

Ao longo dos anos, o leque de países compradores foi se ampliando. Historicamente, mais de 100 países compram anualmente do Brasil, sendo a União Europeia o maior bloco comprador. Como principal exportador do mundo, a contribuição do setor para a economia brasileira fica a cada ano mais consolidada e reconhecida. A participação do tabaco no total das exportações nacionais chega a quase 1%, enquanto que, no Rio Grande do Sul, supera os 10%.

PRINCIPAIS DESTINOS

Historicamente, a Bélgica tem sido o maior comprador do tabaco brasileiro. O tabaco chega pelo Porto de Antuérpia, o principal da Europa, e é redistribuído para outros destinos da União Europeia. Feita a consideração, podemos afirmar que é a China o país que mais importa daqui. Mesmo sendo o maior produtor do mundo, produzindo três vezes mais que o Brasil, importa boa parte do nosso tabaco. Uma das razões, para além da enorme demanda do segundo país mais populoso do mundo, é a qualidade do nosso tabaco.

OS NÚMEROS DA EXPORTAÇÃO

(média: 2015-2023)

- + 100 países importadores
- + US\$ 2 bilhões em divisas ao ano
- + 500 mil toneladas



Conheça os principais mercados do tabaco brasileiro.

contraponto

Em todo o mundo, o cultivo do tabaco fornece meios de subsistência para milhões de agricultores. Há décadas, esses produtores operam nos limites regulatórios cada vez mais rígidos, que ameaçam a sua principal fonte de renda. Detratores mais ávidos ao setor sonham com a implementação da substituição da produção, algo que já foi tema de reuniões no âmbito da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco.

Mas se o Brasil deixasse de produzir tabaco, seus principais concorrentes, como Estados Unidos, Zimbábue, Malawi, Moçambique e Tanzânia rapidamente assumiriam seu lugar. Afinal, a demanda pelos subprodutos da cadeia do tabaco não deixará de existir. O que deixará de existir é o trabalho que garante um padrão de vida elevado para esses agricultores do Sul do país.

Nas próximas páginas, separamos um compilado de narrativas às quais o setor está habituado a ouvir. E para cada uma delas, os fatos.



dívida

Para Tânia Cavalcante, que também foi secretária-executiva da Convenção-Quadro por 19 anos: “Os agricultores são mantidos numa espécie de escravidão moderna, isolados, presos a dívidas, sob pressão produtiva do intensivo trabalho e sob pressão ideológica dos agentes da cadeia produtiva de tabaco. As denúncias, inclusive acadêmicas, sobre essa situação são antigas”. [Trecho da reportagem publicada por O Joio e o Trigo, em 29 de junho 2023]

renda

No Sul do Brasil, não é raro encontrar famílias que vivem da produção de tabaco há várias gerações. Mas se os produtores são explorados, por que continuam produzindo tabaco? Pesquisa conduzida em 2023 pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Administração, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEPA/UFRGS) responde: a renda obtida com a produção e a garantia de venda são os principais atrativos para o produtor de tabaco seguir o cultivo da planta. A mesma pesquisa também apurou que, na média, os produtores de tabaco estão nesta atividade há 22,7 anos.

O primeiro dado que chama atenção na pesquisa do CEPA diz respeito à renda per capita média. Enquanto a renda per capita mensal média nas famílias produtoras de tabaco da Região Sul do Brasil foi de R\$ 3.540,75 no ano do estudo, a média dos brasileiros foi de R\$ 1.625,00 (IBGE, 2022). Em termos práticos, isso significa que **80% dos produtores de tabaco pertencem às classes sociais A e B, enquanto a média geral brasileira nesses estratos não chega a 25%.**

A pesquisa ainda demonstrou que quase 92% dos entrevistados disseram estar satisfeitos em trabalhar na atividade agrícola – 84% sentem-se bem por produzir tabaco e 83% pretendem continuar nesta atividade. Quando perguntados qual é a razão de seguirem plantando tabaco, 87% afirmaram primeiro por ser a cultura mais rentável e lucrativa e, em segundo lugar por ter garantia de venda da produção, parte do acordo feito através do Sistema Integrado de Produção do Tabaco (SIPT) entre produtores e empresas compradoras.

Outros motivos como receber orientação técnica por parte das empresas, existir um seguro agrícola, garantido pela Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), e por possuir tabela de preço negociado foram outras justificativas apresentadas que motivam o produtor a continuar plantando tabaco. Muitos produtores já disseram ter um sucessor (68%) e 71% responderam que “a renda da família permite que eles levem a vida com facilidade”.

RENDA PER CAPITA MÉDIA

R\$ 3.540,75

Produtor de tabaco
Região Sul

R\$ 1.625,00

Geral Brasil
(IBGE, 2022)

RENDA FAMILIAR

Média de moradores = 3,32

R\$ 11.755,30

é a renda média mensal da
família produtora de tabaco

NÍVEL SOCIOECONÔMICO



Fonte: Perfil socioeconômico do produtor de tabaco da Região Sul do Brasil (CEPA/UFRGS, outubro 2023).

RENDA EXTRA

Do total entrevistado, 36% também têm renda proveniente de outras atividades agrícolas, que não o tabaco. Além disso, 37% disseram possuir outras fontes de renda como aposentadoria, emprego fixo ou temporário, atividades autônomas, aluguéis, arrendamento ou rendimentos de aplicações financeiras. Apenas 5% disseram receber algum benefício social do governo, como Bolsa Família ou auxílio educação.

O estudo fez ainda um levantamento detalhado da casa do plantador de tabaco. São residências com água aquecida, encanada, energia elétrica e fossa séptica para esgoto. A maioria (72%) têm três dormitórios ou mais e 72,8% são feitas de alvenaria. O acesso aos bens de consumo se revela na quantidade de eletrodomésticos e aparelhos eletrônicos que a maioria possui, como TV plana (90%), smartphone (85%), máquina de lavar (97,2%), automóvel (84,8%) e caminhonete (23,4%). Treze por cento têm uma segunda casa (na cidade, na praia ou outro lugar).

O acesso a máquinas e equipamentos para plantio e colheita também é maior que a média dos agricultores do país. Mais da metade dos entrevistados (58,7%) possui pulverizador mecânico, 62% têm grade niveladora de tração mecânica e 80% têm trator próprio. A imensa maioria recebe assistência técnica das empresas associadas e compra sementes certificadas de tabaco.

Em resumo, o principal ponto que o estudo traz à tona é que, **sem o plantio das folhas do tabaco, o nível de renda e as condições de vida seriam bem diferentes do quadro atual.** Seriam mais parecidas com a média dos pequenos agricultores brasileiros, com rendimentos menores e menos conforto para suas famílias. Ou seja, um cenário oposto ao da “escravidão moderna” citada na abertura deste capítulo.

“ Se alguém quer que o produtor pare de plantar tabaco, vai ter que fazer muita força. Ele não tem vontade de parar e a renda obtida na atividade não é nenhum desestímulo.”

Professor Dr. Luiz Antônio Slongo [CEPA/UFRGS, 2023]



monocultura

Em publicação na revista VEJA, as ONG's ACT e a internacional Vital Strategies afirmavam em um anúncio:

"A indústria do tabaco sufoca a produção de alimentos saudáveis. Menos tabaco, mais alimentos".

diversificação

A plantação de tabaco, como já foi dito anteriormente, é feita em pequenas propriedades. Essa informação, por si só, já derruba a tese de que se trata de uma monocultura, como é o caso da soja e da cana de açúcar. E estas propriedades não são feitas apenas da cultura do tabaco. A diversificação de culturas é, para a agricultura familiar, sinônimo de segurança alimentar e de renda.

O setor do tabaco incentiva, desde 1985, o cultivo de grãos e pastagem após a colheita do tabaco. A iniciativa, chamada Programa Milho, Feijão e Pastagens permite aos produtores uma segunda renda, além de trazer benefícios para o solo, que fica coberto o ano todo. Historicamente, os ganhos extras com esta ação de diversificação chegaram, em média, a R\$ 700 milhões por ano.

O reflorestamento também é uma atividade usada para diversificar ao mesmo tempo que protege o meio ambiente. Incentivado desde os anos 70, o cultivo das árvores ganhou destaque por complementar renda, além de preservar as matas nativas. Muitos produtores usam a lenha de seu próprio reflorestamento na cura do tabaco.

Diversificar não é o problema. O grande desafio é encontrar produto tão rentável quanto o tabaco para a pequena propriedade. Para se ter uma ideia, é preciso plantar sete hectares de milho para ter a mesma renda obtida em um hectare de tabaco. No caso da agricultura familiar, essa é uma conta que não fecha. Acabar com a produção de tabaco sem garantir a transição sustentável para outras culturas empobrecerá milhões de agricultores em todo o mundo.

O PERFIL DA PROPRIEDADE

Grande parte das propriedades produtoras da região Sul do país possui, em média, 15 hectares [número que pode aumentar ou diminuir a cada safra]. Mas, considerando uma média histórica, menos de um terço são usados para o plantio do tabaco. Entretanto, o valor obtido costuma ser superior a 50% do total da renda dessas famílias. O restante da área é usado para culturas alternativas e de subsistência, criação de animais e pastagem, florestas nativas e reflorestamento, e açude ou reserva de água.

PERFIL DA PROPRIEDADE

Ocupação da Propriedade	Média Geral Região Sul(%)
Culturas agrícolas	41,3%
Mata nativa	19,8%
Pastagens	17,5%
Mata reflorestada	11,3%
Área em descanso	7,3%
Açudes/reservas de água	2,8%

NO MUNDO

A cultura do tabaco, na verdade, utiliza um espaço muito pequeno nas propriedades em geral. No mundo todo, o tabaco ocupa apenas 0,25% de toda terra cultivada. Logo, a área plantada com tabaco não prejudica o plantio de culturas alimentares. A sociedade sabe que a fome no Brasil tem causas estruturais, como a alta desigualdade de renda e a falta de políticas públicas voltadas para este fim.



desmatamento

Segundo a OMS, estima-se que 1,5 bilhão de hectares de florestas já tenham sido perdidos devido ao cultivo do tabaco desde a década de 1970; hoje, 200 mil hectares de terra são desmatados todos os anos para este fim”, disse a Fiocruz. “*Em muitos países, é a mata nativa que segue sendo destruída.*” [trecho da reportagem publicada em 31 de maio de 2022, no site Poder360: Tabaco destruiu 1,5 bi hectares de florestas, diz Fiocruz].

reflorestamento

Não existe visão de longo prazo para uma cultura agrícola tipo exportação como a do tabaco sem a devida preservação do solo e do meio ambiente. Por isso, o cuidado com a mata nativa já era motivo de preocupação do setor na década de 1970, quando foi criado o programa de incentivo ao reflorestamento com espécies exóticas, a exemplo do eucalipto. O plano era tornar os produtores autossustentáveis na energia utilizada na cura/secagem das folhas.

O trabalho se reflete no alto índice de cobertura florestal das propriedades dos produtores de tabaco. Segundo pesquisa da CEPA-UFRGS (2023), a cobertura florestal média das propriedades alcança quase um terço da área, sendo 19,9% de mata nativa e 11,3% de plantio florestal para atender às necessidades de lenha.

Em 2011, a partir de um acordo pioneiro entre SindiTabaco, Afubra, Ibama e Ministério do Meio Ambiente, passou-se a monitorar via satélite a evolução da cobertura florestal. Conduzido pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2.737,65 km² foram monitorados pelo convênio em área que abrangia 21 municípios gaúchos. O último relatório mostrou que a supressão de florestas e a expansão das mesmas se mostravam equilibradas no período avaliado.

Ainda assim, o tema é preocupação constante das empresas que exigem dos produtores o compromisso contratual de somente utilizar lenha de origem legal. E atuam de forma a manter a conscientização dos produtores sobre preservação ambiental, o que envolve desde orientação técnica à distribuição de cartilhas com informações sobre o assunto.

AÇÕES PELA SUSTENTABILIDADE FLORESTAL

Em artigo publicado na Revista Observatorio De La Economia Latinoamericana, com autoria conjunta de pesquisadores do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e sob coordenação do professor Dr. Jorge Antonio de Farias, fica explícita a relação sustentável da cadeia produtiva do tabaco com o meio ambiente.

Segundo o Dr. Farias explica, como todo setor produtivo, o tabaco enfrenta desafios inerentes à sua particularidade de produção. Além da dependência das condições edafoclimáticas, os produtores dependem da disponibilidade e acessibilidade de matéria-prima de origem florestal para a cura do tabaco da variedade Virgínia em unidades de cura, também conhecidas como estufas de secagem.

“Ter a floresta disponível, com sanidade e alta produtividade, representa segurança energética para a propriedade, e a segurança energética é a base para a garantia da entrega da produção. Além desses fatores, uma lenha de qualidade também tem impacto na combustão completa, melhorando a estabilidade do processo de secagem, o que pode ter reflexo na qualidade (cor e umidade) do tabaco, e na redução da emissão de gases do efeito estufa para a atmosfera, outra meta do setor.”

Prof. Dr. Jorge Antonio de Farias.

O professor coordena, na UFSM, o programa Ações pela Sustentabilidade Florestal na Cultura do Tabaco, uma abordagem complementar ao que já vem sendo feito pelo próprio setor para cumprir o objetivo de erradicar o desmatamento e o uso de lenha nativa – com ações que perpassam a formação de técnicos e orientadores de campo, visitas técnicas no sistema de produção integrada, fornecimento de mudas de espécies exóticas para a implantação de plantios florestais energéticos, monitoramento do uso e da fonte da lenha nas propriedades, compra de tabaco apenas livre de desmatamento, entre outras estratégias.

Por meio do programa, a criação de ferramentas de extensão, como unidades demonstrativas e vídeos técnicos sobre a produção florestal no contexto da cultura do tabaco, tem potencial de impacto significativo sobre toda a cadeia produtiva, mas principalmente no cotidiano do produtor.

CONSUMO DE LENHA PELOS PRODUTORES

- 38,8% comprou lenha de origem legal de terceiros;
- 61,6% utilizaram lenha de reflorestamento próprio.

Fonte: Perfil socioeconômico do produtor de tabaco da Região Sul do Brasil (CEPA/UFRGS, outubro 2023).



Assista aos vídeos do projeto Ações pela Sustentabilidade Florestal na Cultura do Tabaco, em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).



velhas práticas

Relatório da OMS divulgado em 2022 e intitulado *Tabaco: envenenando nosso planeta?*, aponta a produção como uma das principais causas de desmatamento, uso excessivo de água e poluição do ar e do solo em diversas regiões do mundo.” (Reportagem: Campanha da OMS alerta sobre malefícios do tabaco ao meio ambiente. Agência Brasil, 31 de maio de 2023).

boas práticas

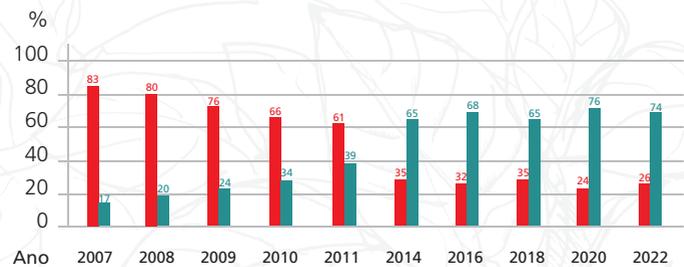
Todo produtor sabe que não cuidar da terra pode significar o fim de seu sustento, de modo que eles mesmos se esforçam para que isso não aconteça. Os produtores empregam técnicas corretas, principalmente a rotação com outras culturas, para evitar danos à terra, que é o seu principal patrimônio.

Foi grande o avanço das práticas conservacionistas, nos últimos 20 anos, entre os produtores de tabaco. Levantamento realizado pelo SindiTabaco junto às indústrias aponta que 74% dos produtores aplicam técnicas conservacionistas como plantio na palha ou cultivo mínimo, o que é um indicador de preservação das águas, além de proteção ao solo.

No cultivo mínimo, o solo é mexido o mínimo possível e fica protegido por resíduos da cultura anterior. No tabaco, o plantio em camalhões com palhada foi validado pela Embrapa como prática conservacionista. Além de proteger e conservar o solo, a prática favorece também a infiltração de água.

A grande mudança de atitude dos produtores do modelo de cultivo, incentivada via assistência técnica, foi determinante para a conservação do solo. O plantio conservacionista ano a ano ganha adeptos e contribui para um solo mais protegido e saudável para a continuidade da cultura do tabaco.

SISTEMAS DE CULTIVO



■ Cultivo Convencional
■ Cultivo Conservacionista

Fonte: SINDITABACO

NA PRÁTICA

(o produtor de tabaco)

- 90,6% fez análise do solo nos últimos três anos;
- 81,8% faz rotação de culturas para evitar pragas, doenças e inços;
- 85,4% realizou aplicação de calcário para correção do solo;
- 85,7% utiliza adubação verde ou cultivos de cobertura;
- 79,1% usa camalhão alto de base larga;
- 62,3% faz cultivo mínimo ou plantio direto na palha;
- 48,4% faz curvas de nível ou terraceamento para proteger o solo.

Fonte: Perfil socioeconômico do produtor de tabaco da Região Sul do Brasil (CEPA/UFRGS, outubro 2023).



As boas práticas agrícolas também são tema de uma série de vídeos que orientam os produtores nas diferentes etapas do cultivo, desde o preparo do solo até a cura do tabaco, disponíveis no canal do Youtube do SindiTabaco (youtube.com/sinditabaco).



escravidão

“Ainda por cima, o Sistema Integrado da Produção de Tabaco estabelece uma relação assimétrica entre agricultores e empresas, levando muitas famílias ao endividamento e gerando consequências sociais graves como trabalho infantil e situações de trabalho análogo à escravidão.”
(Trecho da matéria “O penoso retrato da agricultura do tabaco”, publicada no blog da ACT Promoção da Saúde).

integração

O Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT) é um importante alicerce para o produtor de tabaco. Graças a ele, quem planta tem garantida a venda de sua produção - ao contrário do que acontece em outros setores, quando o elo frágil entre produtor e indústria faz com que o primeiro, muitas vezes, perca sua safra.

Criado em 1918, o SIPT acabou se tornando parte do ecossistema da produção do tabaco, criando um elo de parceria e credibilidade entre todos os agentes da cadeia: produtores, empresas e clientes.

Além da venda garantida, o produtor tem acesso a sementes desenvolvidas em centros de pesquisa das indústrias associadas ao sistema, insumos necessários para a lavoura, assistência técnica gratuita, assistência financeira com aval das integradoras nos financiamentos de custeio e investimento e transporte da produção custeado pela empresa integradora.

Entre as inúmeras vantagens do Sistema Integrado está ainda a rastreabilidade e o controle do uso de agrotóxicos e materiais indesejados, diferenciais que garantem qualidade ao cliente. Campanhas de conscientização e pesquisas sobre novas tecnologias para a produção de tabacos mais limpos e íntegros são atividades constantes das empresas, assegurando a competitividade no mercado internacional.

História que acompanha os produtores de tabaco há mais de um século, o Sistema Integrado segue se aprimorando e contribuindo para profissionalizar o setor, aproximando as empresas das comunidades rurais e criando um diálogo permanente que resulta em parcerias de cunho ambiental e social, tornando a produção do tabaco nacional cada vez mais sustentável. Isso porque o SIPT permite que as melhores práticas agrícolas cheguem até o produtor, por meio da orientação técnica.

FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

- 95,6% deles já fizeram cursos sobre manuseio seguro de agrotóxicos.
- 50,2% já participaram de cursos de manejo correto do solo.
- 46,4% já fizeram curso sobre organização ou gestão de propriedades rurais.
- 98% se dizem bem informados sobre as técnicas de colheita segura do tabaco.
- 96% desses produtores recebem assistência técnica de empresas.

Fonte: Perfil socioeconômico do produtor de tabaco da Região Sul do Brasil (CEPA-UFRGS, outubro 2023).

VANTAGENS DO SIPT

Produtores

- Assistência técnica
- Assistência financeira
- Transporte do tabaco
- Garantia de venda da produção

Empresas

- Planejamento de safra
- Qualidade do produto
- Integridade do produto
- Garantia de fornecimento

Clientes

- Fornecimento regular
- Qualidade garantida
- Garantia ISO
- Rastreabilidade

uso de agrotóxicos

Pesquisas listam os riscos à saúde dos fumicultores com a exposição prolongada aos agrotóxicos usados no setor. (Trecho da matéria “Fumo produzido no Sul do país usa agrotóxicos banidos internacionalmente”, da Repórter Brasil, de 22/2/23).

demanda consciente

O tabaco é uma cultura particularmente resistente e que pode ser cultivada em condições adversas. Portanto, a utilização de agroquímicos é reduzida em comparação a outras culturas. A recomendação para o uso de defensivos é função do orientador agrícola e será feita somente se houver real necessidade. Quando prescritos, serão sempre produtos que tenham a menor toxicidade possível e devidamente registrados pelos órgãos governamentais competentes para uso na cultura do tabaco.

Entre os pilares fundamentais do Sistema Integrado de Produção de Tabaco está a rastreabilidade do produto. As empresas possuem um grande controle em torno do produto, uma vez que exportam para mais de 100 países e cada país tem suas próprias legislações em torno da liberação ou proibição de qualquer ingrediente ativo.

Mesmo com o crescente uso de insumos biológicos e do manejo integrado de pragas, o uso de agrotóxicos se faz necessário em alguns momentos. O que não impede que as empresas do setor invistam, há décadas, em pesquisas e estudos em busca da redução do uso desses agentes químicos.

Quatro diferentes pesquisas atestam o baixo uso de agrotóxicos no cultivo do tabaco. A mais recente delas, realizada por professores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), com dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (SINDVEG), aponta que o tabaco está entre as culturas que menos utilizam defensivos, com 1,01 kg de ingrediente ativo por hectare. Para se ter uma ideia, no topo da lista com mais uso de agrotóxico está o tomate, com mais de 46 Kg de IA/h.



Acesse as pesquisas sobre demanda de agrotóxicos pelas principais culturas agrícolas

SEGURANÇA E CONSCIÊNCIA

99,6% dos produtores possuem o Equipamento de Proteção Individual para aplicação de agrotóxicos;	98,9% dos produtores fazem a devolução de embalagens vazias de agrotóxicos;
97,5% possuem depósito específico para armazenagem de agrotóxicos;	95,6% dos produtores possuem certificação da Norma Regulamentadora 31, sobre Aplicação Correta e Segura de Agrotóxicos.

Fonte: Perfil socioeconômico do produtor de tabaco da Região Sul do Brasil (CEPA/UFRGS, outubro 2023).

agrotóxicos: mitos e fatos

Leia entrevista do presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), Iro Schünke, engenheiro agrônomo de formação.

É verdade que a cultura do tabaco é a que mais utiliza agrotóxicos?

Este é um dos motivos que justificam a comunicação como um dos pilares do SindiTabaco. Desmistificar mitos como este tem sido um de nossos maiores objetivos. O tabaco brasileiro está entre os produtos comerciais agrícolas que menos utiliza agrotóxico, de acordo com quatro diferentes pesquisas. A mais recente delas, realizada por professores da ESALQ/USP com dados do SINDVEG (2016), aponta que a cultura de tabaco utiliza em média 1,01 kg de ingrediente ativo por hectare, quantidade muito inferior ao de outras culturas que utilizam até 45 vezes mais ingrediente ativo por hectare. Ou seja, não é verdade que o tabaco utiliza muito agrotóxico.

Por que acredita que a premissa acima continua sendo divulgada de forma errônea?

Por ter um produto final controverso, a cadeia produtiva do tabaco fica mais vulnerável a ataques. É por isso que temos investido, cada vez mais, na comunicação dos nossos feitos, porque o setor do tabaco é, na verdade, exemplo para outros setores, não só na área de saúde e segurança, mas também na área social e ambiental. Ao emitir opinião sobre um determinado tema, temos que estar munidos de informações baseadas em fatos, com dados atualizados e com fontes oficiais. Essa é a conduta que seguimos, mas que lamentavelmente nem todos seguem. Há também alguns casos em que percebemos certa confusão ou desconhecimento ao tratar o tema, que é bastante técnico. Um exemplo é quando ouvimos que determinado setor utiliza “x” litros de agrotóxicos. O que determina a toxicidade do agrotóxico é a compo-

sição do produto [os chamados ingredientes ativos] e não o volume aplicado, seguindo a mesma lógica de remédios como o paracetamol: a mesma cápsula pode conter 250mg, 500mg, 750mg ou até 1g do princípio ativo. Passar a encarar os agrotóxicos como um tipo de “remédio” para a lavoura poderia desmistificar tudo isso: receitado na dose certa, cura; na dose errada e sem os cuidados necessários para sua aplicação, pode sim se transformar em um veneno.

Agrotóxicos usados no tabaco são mais tóxicos que utilizados em outras culturas?

Outro mito. Quando consideramos as Classes Toxicológicas dos produtos empregados, a sua quase totalidade está registrada no MAPA e classificada pela ANVISA nas categorias 4 e 5, ou seja, produto pouco tóxico e produto improvável de causar dano agudo (ambas de faixa azul) e categoria produto não classificado (faixa verde). Nenhum produto da faixa vermelha – a mais tóxica – é recomendado por nossas empresas associadas aos produtores de tabaco.

Pesquisas associam o uso de organofosforados a problemas de saúde. Como o setor trata o tema?

Os Organofosforados são um tipo de inseticida que já não são mais recomendados na produção de tabaco há muitos anos. Mas cabe ressaltar que a intoxicação por agrotóxicos só acontece se o produtor não utilizar o Equipamento de Proteção Individual (EPI) ou não seguir as orientações de segurança.

Você acredita que os produtores de tabaco ainda resistem ao uso do EPI?

O uso correto do EPI ao manusear e aplicar agrotóxicos é fundamental, mas ainda gera resistências por parte de alguns produtores. Cartilhas, campanhas de mídia e seminários de conscientização fazem parte dos investimentos da indústria para reforçar a orientação técnica repassada e tentar mudar a questão cultural de que a proteção não é ne-

cessária. Cabe ressaltar que o setor do tabaco é a única cadeia produtiva organizada que possui assistência técnica gratuita e um trabalho de orientação e conscientização dos produtores sobre o uso correto do EPI. Pesquisa conduzida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com produtores de tabaco da Região Sul do País, constatou que, em 2016, 85% já tinha realizado cursos sobre manuseio seguro de agrotóxicos (NR 31). Ademais, o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) é obrigatório e previsto em contrato com as empresas integradoras, e os equipamentos são disponibilizados a preço de custo aos produtores.

E com relação ao meio ambiente? Os produtos utilizados têm potencial de contaminar o solo e a água?

Todo agrotóxico tem potencial de contaminação. É por isso que as empresas lançaram um pioneiro programa de logística reversa no ano 2000, antes mesmo da legislação que regulamenta a devolução, de 2002. O Programa de Recebimento de Embalagens Vazias de Agrotóxicos percorre 1,8 mil pontos de coleta em 381 municípios produtores de tabaco do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e recolhe embalagens utilizadas inclusive em outras culturas agrícolas. No Paraná, iniciativas semelhantes realizadas pelas centrais locais são apoiadas pelas empresas associadas ao SindiTabaco. Em 22 anos, a iniciativa já destinou corretamente mais de 18,8 milhões de embalagens, inclusive de recipientes utilizados em outras culturas, uma vez que é alto o número de produtores de tabaco que diversificam a propriedade.

O que a indústria de tabaco tem feito para reduzir os problemas relacionados ao uso de agrotóxicos?

Quando o assunto é agrotóxico, o setor atua em três grandes frentes: o da saúde e segurança do produtor, conscientizando-o sobre a necessidade de se proteger; o da proteção ambiental,

tendo como exemplo o já citado Programa de Recebimento de Embalagens e a orientação sobre a correta armazenagem e manuseio desses produtos; e, por fim, o da inovação, com investimento em pesquisas para continuar a reduzir a necessidade do uso de agrotóxicos. Nesse sentido, o uso de boas práticas agrícolas e o emprego de agentes biológicos específicos para o controle de certas pragas, pode reduzir significativamente o uso de defensivos na produção de tabaco.

Como o uso de agrotóxicos não recomendados pode afetar a cadeia produtiva?

Além de representar um risco à saúde e ao meio ambiente, o uso de agrotóxicos não recomendados prejudica também o mercado brasileiro de tabaco. O Brasil lidera o ranking mundial de exportação há mais de 30 anos e isso se deve muito à qualidade, mas também à integridade física (materiais estranhos) e química (resíduos) do produto. Exportamos anualmente para mais de 100 países e isso requer a observância de critérios nacionais e internacionais. Por esse motivo, as empresas também investem na rastreabilidade do produto e na assistência técnica, além de integrar programas que oficializam esses cuidados, como é o caso da PI Tabaco, conduzida pelo Ministério da Agricultura.



suicídio

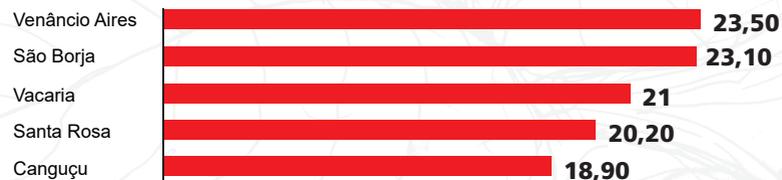
“O Rio Grande do Sul possui os maiores índices de mortes autoprovocadas, há décadas. Os municípios fumicultores estão entre aqueles que mais registram suicídios e contabilizam, ano após ano, índices superiores à média nacional. Segundo dados epidemiológicos do estado, em 2017 Venâncio Aires — um dos polos mais importantes de produção de fumo — registrou um índice de 34,67 suicídios por 100 mil habitantes. No mesmo ano, a média brasileira foi de 6,6. Na última década, o município sempre esteve entre as cinco primeiras posições do ranking de maiores produtores de tabaco do país” (*Trecho da reportagem Depressão, ansiedade e suicídios: a realidade dos que plantam tabaco no Brasil*, publicado pela Agência Pública, em 17 de janeiro de 2022).

problema complexo

Atrelar suicídios à produção de tabaco, por conta do uso do agrotóxico, é uma afirmação inconsistente, segundo informações do próprio Ministério da Saúde. Dados de 2020 apontam que entre os cinco municípios com maior índice de tentativa de suicídios no Rio Grande do Sul — onde se concentra quase 50% da produção de tabaco do Brasil — apenas dois possuem produção de tabaco: Venâncio Aires e Canguçu. Os demais não têm qualquer ligação com o setor.

MUNICÍPIOS COM MAIORES TAXAS DE SUICÍDIO NO RS

Lista inclui apenas cidades com ao menos 50 mil habitantes



Fonte: Secretaria Estadual de Saúde e OMS



Mas o que une essas cidades? O que poderia explicar a relação entre os municípios? É algo que nos intriga também. Em entrevista concedida a uma rádio de Lajeado, na região central do Rio Grande do Sul, o psiquiatra Rafael Moreno, traz algumas pistas. Segundo ele, a região da Alemanha, de onde vieram os imigrantes que estão localizados no Vale do Rio Pardo e em outras cidades do Rio Grande do Sul, também possui uma alta taxa de suicídios. Há aí um fator genético que já foi comprovado - e não tem qualquer relação com o cultivo do tabaco.

Ainda segundo o psiquiatra, São Gabriel da Cachoeira fica no Amazonas, onde não há plantação de tabaco, e está lado a lado com Venâncio Aires no índice de suicídios. Mas o que elas têm em comum? Dados divulgados pelo Ministério da Saúde demonstram que dois públicos correm maior risco: indígenas e agropecuários. E por um motivo que faz todo o sentido: o isolamento social. Isso se comprova também no mundo. Entre os países que lideram o comportamento suicida estão a Groenlândia, com sua população de esquimós, seguido pela Guiana, com a população de índios. Com climas completamente opostos, eles possuem um ponto em comum: povos que vivem isolados ou em uma condição de rejeição social.

Há muitos estudos pelo mundo que tentam entender os motivos que levam alguém a atentar contra a própria vida. Há, por exemplo, um estudo no Cazaquistão que demonstra uma associação do maior índice de suicídio com o vento norte, algo que também presenciamos no Sul do País com certa frequência. A verdade é que este é um problema multifatorial e atinge todo o globo. Estigmatizar uma cultura, como no caso do tabaco, por algo tão complexo seria, no mínimo, leviano.



ESCLARECEDOR

Assista ao depoimento de um produtor sobre tentarem associar o tabaco ao suicídio.

PARA LEMBRAR!

É preciso sempre atentar ao fato que o tabaco brasileiro está entre os produtos comerciais agrícolas que menos demandam agrotóxico, fato comprovado por diferentes pesquisas. Além disso, os defensivos agrícolas com organofosforados já não são utilizados pelo setor do tabaco há mais de uma década. Há registros de empresas que deixaram de recomendar o uso do produto antes mesmo da sua proibição legal.



doença da folha verde

“O Brasil tem mais de 350 mil hectares de terra plantada com tabaco, uma substância que não causa mal apenas para quem fuma, pois os plantadores estão sujeitos à doença da folha verde pelo excesso de uso de agrotóxicos”, afirma A coluna Dr. Bartô e os doutores da saúde, do *Jornal da USP*, em 05 de junho de 2023.

colheita segura

É preciso esclarecer que a doença da folha verde não acontece em decorrência do uso do agrotóxico, mas, sim, quando há o contato da pele com a folha de tabaco úmida ou molhada. Durante a colheita, quando o produtor não utiliza a vestimenta adequada, a nicotina da planta pode entrar em contato com a pele e causar a chamada doença da folha verde. Ela é caracterizada por sintomas como náuseas, vômito, dor de cabeça, coceira e sensação constante de cansaço. A doença acontece principalmente quando as folhas estão molhadas ou umedecidas por chuva ou orvalho.

A exposição à nicotina se dá no contato da pele com as folhas de tabaco durante a colheita, no desponte, no recolhimento da lavoura e no carregamento das estufas e dos galpões de cura. Absorvida pela pele, a nicotina é transportada até os vasos sanguíneos. Sua absorção é maior com o aumento da área exposta e com a presença de lesões na pele. Pequenas atitudes, como utilizar a vestimenta adequada e luvas específicas, evitar colher quando as folhas estiverem molhadas e preferir os horários menos quentes do dia, possibilitam ao produtor um trabalho seguro.

Pensando em como evitar a doença, foi desenvolvida uma roupa especialmente para o produtor de tabaco. Composta por calça, blusa e luvas de tecidos hidrorrepelentes e impermeáveis, a vestimenta evita a absorção dérmica da nicotina. Para aumentar a eficácia, é preciso usar também calçados fechados e chapéu. O kit é disponibilizado aos produtores integrados a preço de compra.

A vestimenta começou a ser criada em 2009, quando Luiz Castanheira, engenheiro agrônomo e de segurança do trabalho e professor da Unicamp, conduziu uma pesquisa que resultou nas especificações técnicas e no desenvolvimento das peças. Entre 2010 e 2011, a empresa Planitox, de São Paulo, dirigida pelo médico Flávio Zambrone, foi contratada para avaliar sua eficácia e o grau de proteção. O estudo comprovou a diminuição de 98% da exposição dérmica. A vestimenta de colheita é certificada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), sendo, portanto, recomendada e considerada eficiente.

Como em todas as outras frentes sociais e ambientais, as empresas associadas ao SindiTabaco investem em informação e conscientização. Mais de 1,3 mil orientadores agrícolas foram capacitados sobre o tema para auxiliar os produtores na prevenção da doença. Campanhas de mídia e materiais impressos chegam com regularidade até os produtores com informações para evitar a doença da folha verde.

Pesquisa conduzida em 2023 pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Administração, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEPA/UFRGS), aponta que 98% dos produtores responderam que estão bem informados sobre a colheita segura e 95,6% já fizeram curso sobre manejo seguro de agrotóxico. Quase metade fez curso sobre manejo correto de solo e sobre organização ou gestão de propriedade rural.



trabalho infantil

“(…) a indústria aproveita-se, ainda que indiretamente, do trabalho infantil para baixar o custo de seu insumo principal e aumentar suas margens de lucro”. (Trecho publicado no blog ACT Promoção da Saúde, em 11 de junho de 2021)

Luta de todos

Uma das grandes questões sociais que envolvem a agricultura familiar é o combate ao trabalho infantil. O problema não é uma questão exclusiva do tabaco na agricultura. Segundo o IBGE, em 2022, havia 1,9 milhão de crianças e adolescentes entre 5 a 17 anos em situação de trabalho infantil no país, o que representa 4,9% da população nessa faixa etária.

Em 1998, ao selar com outros atores da cadeia produtiva o Pacto pela Erradicação da Mão de Obra Infantil, o SindiTabaco e empresas associadas criaram o Programa O Futuro é Agora!, com o lema Lugar de criança é na escola. O foco da iniciativa foi a conscientização dos produtores, informando-os sobre a legislação e incentivando a educação de seus filhos. As empresas associadas ao SindiTabaco criaram projetos sociais voltados às escolas que atendiam os filhos dos produtores, cujas atividades contemplavam a jornada escolar ampliada, promoção cultural, inclusão digital, esporte, entre outros. Em doze anos, as ações do programa alcançaram mais de 180 mil produtores de tabaco da região Sul do Brasil.

Em 2008, mais um passo importante no combate ao trabalho infantil foi dado: o setor assinou um compromisso com o Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul no qual os produtores passaram a ter de apresentar o comprovante de matrícula e frequência escolar de seus filhos para as empresas associadas.

As empresas exigem o comprovante de matrícula escolar dos filhos de produtores no período da assinatura do contrato de comercialização de safra, e o comprovante de frequência ao final de cada ano letivo. Caso seja constatado o trabalho infantil, as empresas estão comprometidas em comunicar o fato às autoridades competentes. Em caso de reincidência, as empresas não renovam o contrato para a safra seguinte.

Ao longo do tempo, com o amadurecimento do tema junto aos produtores e com os bons resultados alcançados, foi estruturado um planejamento estratégico atualizado e o projeto foi reformulado. Nascia então, em 2011, o Programa Crescer Legal, tendo como principal objetivo prevenir e combater o trabalho infantil em qualquer etapa da produção de tabaco, focando especialmente em ações para os adolescentes.



MUDANÇA DE CULTURA

Até não muito tempo atrás, as famílias rurais eram numerosas e tinham como característica comum colocar todos os filhos na lida para que a renda ficasse dentro de casa. No caso do tabaco, especificamente, há ainda o fato de esta cultura ter surgido em meio à colonização alemã, que considera o trabalho um valor, assim como a disciplina, a honestidade e o respeito. Essa conjuntura fez com que o trabalho infantil se tornasse uma questão cultural. Soma-se a isso a falta de opções para a continuidade da escolarização no meio rural após o Ensino Fundamental. Para evitar que os filhos migrem para as cidades para fazer o Ensino Médio ou que fiquem ociosos, muitos pais acabam incorporando os jovens ao trabalho. Por isso, para combater o trabalho infantil é preciso investir não apenas em ações de informação e conscientização, mas também na oferta de alternativas, como os cursos extracurriculares.

A escolaridade do produtor de tabaco tem aumentado ao longo dos anos. Pesquisa realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2023, revelou que, entre os produtores de tabaco, chefes de família, quase 60% têm mais de oito anos de estudo. E, dentre esses, 32,2% têm mais de 11 anos de estudo, o que corresponde ao Ensino Médio completo e cursos superiores completos ou incompletos.

CONSCIENTIZAR É PRECISO

O Ciclo de Conscientização sobre a saúde e segurança do produtor e proteção da criança e do adolescente é realizado anualmente pelo SindiTabaco e pelas empresas associadas, com o apoio da Afubra. Em 13 edições presenciais, realizadas desde 2009, os eventos do Ciclo de Conscientização já contaram com a participação de mais de 34 mil pessoas, em 72 seminários realizados em diferentes municípios da Região Sul do Brasil. Em 2021, o Ciclo foi realizado em formato virtual, com transmissão pelo canal do SindiTabaco no Youtube e mais de 11 mil visualizações

PRINCIPAIS MENSAGENS

- Só é permitido trabalhar na cultura do tabaco a partir dos 18 anos;
- Crianças e adolescentes devem frequentar a escola;
- O produtor deve usar a vestimenta específica para colher o tabaco, observando melhores horários e clima;
- Somente adultos podem manejar e aplicar agrotóxicos, utilizando sempre os EPIs recomendados.

MAIS QUE CONSCIÊNCIA, SOLUÇÃO

No campo, onde as oportunidades para o público infantojuvenil são mais escassas, é preciso um olhar atento e acolhedor para os jovens. Durante os seminários dos Ciclos de Conscientização, promovidos anualmente desde 2009 pelo SindiTabaco e a Afubra, a grande angústia verbalizada pelos produtores era: “mas o que meu filho poderá fazer se não pode mexer com o tabaco até os 18 anos?”. **O SindiTabaco foi em busca de respostas e, não encontrando-as, construiu soluções.**

Foi assim que surgiu, em 2015, o Instituto Crescer Legal, com a missão de combater o trabalho infantil, uma vez que menores de 18 anos não podem trabalhar na lavoura, e também de criar iniciativas transformadoras que levam qualificação profissional e pessoal, bem como oportunidade de renda para adolescentes entre 14 e 17 anos.

Com o apoio de consultoria especializada e de diversas parcerias e arranjos locais, uma fórmula inovadora para o campo foi criada: o Programa de Aprendizagem Profissional Rural. Utilizando a Lei da Aprendizagem, os jovens passaram a ser contratados como jovens aprendizes e remunerados para participar de cursos voltados à gestão rural e ao empreendedorismo.

São 800 horas de atividades teóricas e práticas, no contraturno escolar, em suas comunidades. As cotas são financiadas pelas empresas associadas ao Instituto Crescer Legal, que estão também entre as representadas pelo SindiTabaco. Na prática, os jovens do campo são contratados pelas empresas como jovens aprendizes, mas o único trabalho é o de se desenvolverem no âmbito do curso, sem realizar nenhuma atividade na empresa. Em menos de uma década e cerca de mil aprendizes certificados, já são vários os reconhecimentos e prêmios recebidos pelo Instituto Crescer Legal.



Conheça a cartilha de orientação que os produtores integrados recebem via assistência técnica.

linha do tempo

Do combate ao trabalho infantil à criação de oportunidades para os jovens do campo

1998

Lançado **O Futuro é Agora!**, com o lema Lugar de criança é na escola, pioneiro no setor agrícola no combate ao trabalho infantil. O programa era focado na conscientização dos produtores, informando-os sobre a legislação e no incentivo à educação de seus filhos.

2008

Assinado **compromisso com Ministério Público do Trabalho do RS**. Para combater o trabalho infantil, os produtores passaram a ter de apresentar às empresas comprovante de matrícula e frequência escolar dos filhos.

2009

Início dos **Ciclos de Conscientização sobre saúde e segurança do produtor e proteção da criança e do adolescente**. Em 13 edições, os eventos reuniram mais de 34 mil pessoas em 70 municípios da Região Sul do Brasil.

2010

Censo do IBGE demonstra que foi nas pequenas propriedades com produção de tabaco o **maior índice de redução do trabalho infantil no País**, em comparação com censo anterior (2000).

2011

Acordo com o Ministério Público do Trabalho de Brasília para SC e PR, ampliando as ações de conscientização do produtor de tabaco sobre o tema para todo o Sul do Brasil.

Lançado o **Programa Crescer Legal**, centrado no incentivo à educação dos filhos dos produtores, em especial os adolescentes.

2012

Treinamento de toda a equipe de campo das empresas – mais de 1,3 mil profissionais – sobre **proteção da criança e do adolescente, com a participação da Organização Internacional do Trabalho (OIT)**.

2015

Fundação do **Instituto Crescer Legal**. Alternativas de desenvolvimento para os adolescentes e fortalecimento do empreendedorismo e gestão rural, em especial em áreas com plantio de tabaco na Região Sul do País.

2016

Início das atividades do **Programa de Aprendizagem Profissional Rural**, do Instituto Crescer Legal, que passou a oferecer oportunidade de qualificação e de renda para jovens entre 14 e 17 anos.

2017

Início das atividades do **Programa Nós por Elas – A voz feminina do campo**, com capacitação em comunicação para meninas egressas do Programa de Aprendizagem, em parceria com a Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

2020

Implementado o programa **Boas Práticas de Empreendedorismo para a Educação**, voltado para professores de escolas parceiras do Instituto Crescer Legal.

Instituto Crescer Legal recebe a segunda colocação no **Prêmio Inovare de Justiça**.

2021

Instituto Crescer Legal recebe o **Prêmio Brasil Amigo da Criança**.

trabalho

Os setores que mais tiveram funcionários resgatados foram a indústria do fumo com 76 trabalhadores ao todo. Em seguida, a pecuária (85) e produção de carvão vegetal (81). Na sequência aparecem extração de madeira (59), o cultivo de cana-de-açúcar (44) e a indústria têxtil (44)". (Trecho da reportagem: *As empresas da lista suja, publicada na Carta-Capital*, em 18 de março de 2023)

decente

Apesar do lamentável erro da jornalista ao ranquear os setores descritos acima, entendemos que, assim como na questão do combate ao trabalho infantil, o trabalho decente é fruto de esforços conjuntos. E que o tabaco não está sozinho no enfrentamento deste problema do agro.

Pesquisa recente demonstrou que 42,2% dos produtores de tabaco utilizaram a mão de obra de terceiros durante a última safra. Para orientá-los de forma que atendam plenamente à legislação, duas cartilhas foram elaboradas e distribuídas a milhares de produtores integrados às indústrias associadas.

A cartilha "**Contratação de mão de obra na agricultura familiar, o que é importante saber**" foi um trabalho conjunto entre o Ministério do Trabalho e Emprego, Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag/RS), Federação dos Trabalhadores Assalariados Rurais no Rio Grande do Sul (Fetar/RS), com apoio do Sindi-Tabaco e da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra).



Acesse a publicação que esclarece as principais dúvidas para que as contratações, especialmente as eventuais e temporárias, sejam feitas com segurança e em conformidade com a lei.

Outra cartilha informativa que está sendo entregue aos produtores de tabaco é a intitulada "**Programa Trabalho Sustentável**", que visa combater o trabalho análogo ao de escravo, produzida pelo Ministério do Trabalho e Previdência, com apoio do SindiTabaco, Afubra, Fetag/RS e Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul). Ela esclarece dúvidas quanto às instalações sanitárias, alimentos, água, locais para descanso e alojamento, além de outras questões relativas ao trabalho decente. São iniciativas que demonstram o envolvimento da cadeia produtiva do tabaco na conscientização dos produtores.



tese + antítese = síntese

Este conteúdo foi gerado a partir de décadas de respostas a ataques a um setor organizado e sustentável. É um compilado de muito do que já foi dito e vem sendo dito pelos que defendem o setor, de forma linear e sem cortes.

É um guia para futuros debates, mas, principalmente, uma resposta que nem sempre é dada de forma integral – e, em alguns casos, nem mesmo íntegra. E aqui levantamos um ponto: queremos deixar um mundo melhor para as pessoas ou pessoas melhores para o mundo?

Pessoas melhores buscam a informação completa, têm sede por conhecimento. São ponderadas para aceitar o contraponto e acreditam em liberdade para escolhas, mas também na responsabilidade que elas acarretam. E aqui entra a importância da conscientização.

Não há outra cultura do agronegócio que atue de forma tão direta para a conscientização. Seja em temas relacionados à saúde e segurança do produtor, à proteção da criança e do adolescente, ou em torno de enfrentamentos de trabalho análogo ao escravo, o setor do tabaco tem tomado a dianteira e apontado soluções. Mais do que isso: está disposto ao diálogo para que tese e antítese possam transformar-se em síntese.

E a nossa continua sendo essa: **tabaco é agro.**



assunto

**CONTROVERSO
CONTRAPONTO**

necessário

Desconstruindo narrativas sobre
a produção de tabaco no Brasil.

© **Sinditabaco**

abril, 2024

Produzido por

AND,ALL

Rua Álvaro Rodrigues, 182
10º Andar, CEP 04582-000
Itaim Bibi - São Paulo - SP

www.andall.ag

Todos os direitos reservados



SINDITABACO

Rua Galvão Costa, 415 – Centro
Caixa Postal 192 – CEP 96810-012
Santa Cruz do Sul – RS – Brasil

55 51 3713 1777

sinditabaco@sinditabaco.com.br

www.sinditabaco.com.br